

A inflação na linha de fogo

Carlos Lessa



Beatriz

O dilema fundamental do Brasil nos dias de hoje se refere a um fenômeno que precisa ser enfrentado a curto prazo. Trata-se do dilema da escalada inflacionária. Antes de enfrentar as questões sociais e do estado, o novo presidente terá que atacar com todas as suas forças a inflação. Sem uma resposta eficaz para a inflação, o novo governo mergulhará provavelmente em uma crise de governabilidade. O período de graça que o próximo presidente viverá é de duração indeterminável, mas há um aspecto que deve ser levado em conta: a população espera mudanças rápidas para os seus problemas imediatos. Se não houver uma diminuição da inflação, haverá o risco da instabilidade.

Não se conseguirá, por outro lado, implementar qualquer tipo de política social com a manutenção do Estado nos parâmetros atuais. E para operar transformações no Estado, o presidente precisará contar com uma base de sustentação suficiente no Congresso Nacional, o terreno onde todas as ações do executivo serão discutidas e fiscalizadas. Este é, sem dúvida, o problema político mais sério do novo presidente. Ele terá que dedicar grande parte do seu tempo a costurar alianças no Congresso. E há um detalhe importante: trata-se de um Congresso à beira da renovação, no qual muitos dos parlamentares estarão preocupados apenas com a sua sobrevivência política.

Timing — eis a característica indispensável de um governo que atue no sentido de conseguir estabilidade a curto prazo, consolidando-se através de um sólido apoio social e político e um ataque à inflação de cara. Este elemento é necessário devido ao quadro crítico que enfrentamos. Além de *timing*, uma vitória inequívoca no segundo turno pode ajudar bastante o presidente, na medida em que caracterizará um apoio muito claro e efetivo de um setor da população que deverá ultrapassar bastante a maioria absoluta. A campanha dos próximos dias talvez seja um bom indicio das facilidades e das dificuldades próximas: se a polarização for nítida e o país



Remarcação de preços. A inflação é o principal inimigo

se dividir muito, haverá crise à vista; se os discursos se aproximarem, tudo poderá ser mais fácil.

A desordem inflacionária, como disse, será o alvo central do novo presidente. Depois, a crise do Estado e a crise social precisarão ser vencidas. Neste ponto começam a se dar as diferenças fundamentais entre os candidatos que chegaram ao segundo turno. Ambos, entretanto, terão que fazer algo muito parecido. A política do governo para estas questões terá seguramente duas direções: em primeiro lugar, recuperar o nível dos investimentos públicos em áreas sociais (atacando a depredação da escola pública, o déficit habitacional e a decadência do sistema de saúde) e em infraestrutura (para sustentar a volta do crescimento econômico); em segundo lugar, estabelecer um pacto social.

Hoje, Luis Inácio Lula da Silva procura se aproximar de um setor do empresariado, enquanto Collor de Mello, à sua maneira, procura se aproximar de um grupo de sindicalistas. Os dois sabem perfeitamente que estas eleições demonstraram a urgência da questão social. A retórica, agora, não funciona mais. É fundamental realizar mudanças, mas através do entendimento e da negociação. Identifico um problema sério no plano de Collor: ao que parece, ele deve fazer uma reforma cambial, o que considero perigoso. Lula, por seu turno, pode se precipitar aumentando bruscamente os salários. Há diferenças entre eles, basicamente de ênfase. Mas a realidade os levará a caminhos semelhantes.